

## O CEBOLA

Era um rapaz branco, atarracado, a cara sardenta e o cabelo arriivado. Chamavam-no de Cebola. Nascera não se sabe onde, porque o pai, camionista, sempre acompanhado da mulher, viajara do Zaire ao Cunene e de Luanda ao Cazombo. A mãe, entretanto, morrera num fim-do-mundo qualquer antes de ele atingir a idade escolar. Assim, passou a seguir o pai nas suas andanças pelo mato. Uma irmã mais pequena ficara na cidade com pessoas amigas.

As constantes deslocações nunca lhe permitiram aprender algo de consistente, por isso quedou-se pela tabuada e uma cartilha de primeiras letras. Falava um português hesitante, repicado de kimbundu, umbundu e sabe-se lá que mais. Quanto a estas línguas, a seu modo, também as conhecia. O contacto com serventes, aprendizes de mecânicos e, a partir da quebra-da-voz, com variadíssimas moças dos quimbos ao longo da estrada, garantiu-lhe o vocabulário adequado. Na realidade, ele não dominava nenhum idioma nacional, nem sequer o português, contudo chegara a um género de língua franca que ele, de acordo com as circunstâncias, modificava.

Com o acumular dos anos, o pai cansara-se e decidira, assistido por uma das mulheres que lhe parira filhos, retirar-se para uma cidadezinha do interior, onde abrisse um boteco. Portanto, o Cebola, para poupar empregados, passou a ajudar o velho na venda de cervejas e copos de vinho.

Agora, não mais era fácil o vadiar, em constante correria, pelos sítios colocados ao longo da rota do camião. Mas, as noitadas com a rapaziada local, em que a liamba, fumada ao exagero, criava uma sensação indizível de conforto, e as fitas, habitualmente de violência, do cinema do lugar acabaram por se substituir à vida anterior.

As convulsões que, em Angola, se sucederam ao 25 de Abril surpreenderam o rapaz na pasmaceira alarve e satisfeita das povoações do mato. Sem entender, ao certo, o que acontecia, aproveitou logo a oportunidade para se desgarrar da família e da taberna. Isso, aliás, facilitado pelo antigo camionista que, perante a insegurança geral na região, deban-

dara com esposa e crianças, de início, para Luanda e, por fim, para o Brasil.

Durante muitos meses, o Cebola vagueou, atarantado, de um lado para o outro, ao sabor de avanços e recuos das forças em liça. Não conseguindo distinguir as diferenças reais dos diversos agrupamentos políticos, oscilava de um para outro, tal que um aficionado de futebol incapaz de identificar-se com uma determinada equipa.

A invasão do país pelos sul-africanos pôs, de repente, termo às hesitações e terrores até aí sentidos. O carcamano pareceu-lhe, de facto, o único inimigo indubitável.

Com um bando de parceiros da farra e liamba seguiu, integrado num destacamento regular, de Luanda em direcção ao Cuanza-Sul. Acompanhava-o uma rapariga negra, também soldado, que conhecera em Benguela e que, aquando da investida estrangeira, se retirara com ele para a capital. Entretanto, haviam amigado e ela estava no começo de uma gravidez.

De lenço vermelho amarrado à cabeça, ao jeito de índios vistos em filme e com quem confusamente se identificavam, o Cebola e seus cambas, em arremetida louca, atacaram o intruso. Ele transforma-se em caubói bandido que, de longe, vinha estragar a nossa terra.

Tempo e muitos mortos, entre eles a moça de Benguela, custaram, até que o Cebola e os demais sobreviventes percebessem que, por correcta que fosse a comparação das partes em conflito, a guerra não era brinquedo.

Já alguns anos haviam passado e outros problemas afligiam os homens, quando foi descoberto numa vila do interior. De frente a uma escola primária e perante a risada da miudagem, esfarrapado e de arma de pau ao ombro, o Cebola marcava marcialmente o passo.